

Entrevista com Graeme Trousdale¹

Monclar Guimarães Lopes²

Resumo: Graeme Trousdale é professor de Linguística e Língua Inglesa na Faculdade de Filosofia, Psicologia e Ciências da Linguagem da Universidade de Edimburgo. É mestre em Ciências (Universidade de Edimburgo), doutor em Filosofia (Universidade de Edimburgo) e bacharel em Artes (Universidade de Manchester). Seus principais interesses de pesquisa envolvem os campos da construcionalização e mudanças construcionais, Linguística Histórica da Língua Inglesa e Linguística Cognitiva, especialmente a Gramática de Construções. Nesta entrevista, o pesquisador discute várias questões teóricas, como a construcionalização e mudanças construcionais em perspectiva sincrônica, níveis esquemáticos de uma construção, domínio funcional, função e significado, metodologia, variação construcional, construções atômicas e, finalmente, desafios, dificuldades e perspectivas futuras do modelo da construcionalização.

Palavras-chave: Graeme Trousdale. Linguística. Construcionalização.

***Soletras:** É possível aplicar os estudos de construcionalização e mudanças construcionais a trabalhos essencialmente de perspectiva sincrônica?*

Na minha opinião, um livro como o de Traugott e Trousdale (2013) é um livro principalmente sobre mudança linguística (veja mais adiante minha resposta à sua última pergunta) e, portanto, o foco é a diacronia, e não a sincronia. Mas, como se sabe, a variação sincrônica em uma língua está muito intimamente ligada a padrões de mudança, que podem ter progredido mais rapidamente ou de maneira ligeiramente diferente nas variedades faladas por uma parte da rede de usuários da língua do que em outras subpartes. Assim, pode-se observar um conjunto de padrões em qualquer ponto sincrônico da história de uma língua e tentar usar alguns dos princípios de trabalho em mudança construcional para explicar por que esses padrões têm a forma particular que eles apresentam.

Também é possível utilizar alguns dos conceitos adotados no trabalho sobre construcionalização e mudanças construcionais no trabalho sobre variação sincrônica. De fato, algumas das dimensões da mudança construcional (como a mudança na generalidade/esquematicidade, produtividade e composicionalidade de uma construção) foram extraídas do

¹ Tradução do texto “Interview with Graeme Trousdale” (ROSÁRIO, 2018), neste dossiê.

² Doutor em Estudos Linguísticos pela UFF. Atualmente é docente de língua portuguesa do Instituto de Letras da UFF e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF.

trabalho baseado em sistemas essencialmente sincrônicos (LANGACKER, 2005). Em outras palavras, os conceitos da Gramática de Construções podem ser aplicados igualmente aos estudos sincrônicos e diacrônicos: mas os estudos diacrônicos se ocuparão de comparar como as várias propriedades das construções parecem ter mudado no registro histórico. Pesquisas recentes em Gramática de Construções Diacrônica têm usado particularmente grandes *corpora* como o *Corpus do Inglês Americano Histórico*³ (COHA; DAVIES 2010) para fornecer uma análise quantitativa das mudanças (assim como explorar tais *corpora* para exemplos em uma abordagem qualitativa).

Outra questão é que, da mesma forma como os conceitos anteriores, como gramaticalização e lexicalização, construcionalização não é algo que os falantes e escritores conscientemente produzem. Tudo o que eles (com os ouvintes/escritores) fazem é analisar, a fim de produzir ou perceber uma cadeia formal associada a um significado. Os linguistas históricos podem observar a construcionalização (pelo menos na forma como o termo é usado por Traugott e Trousdale 2013), ao observar que uma unidade convencional forma_{nova}-significado_{novo} surgiu no registro textual. O mesmo vale para a mudança construcional, na qual um aspecto da forma ou do significado veio a variar com o tempo.

Soletras: *As relações de herança também ocorrem em níveis mais esquemáticos da construção? Poderia nos dar um exemplo?*

Sim, a herança pode ocorrer em níveis mais hierárquicos da rede construcional e espero que o exemplo abaixo sirva como ilustração. Imagine que um falante diga as palavras abaixo:

(1) *She left the cat out of the bag and left.*

No inglês, essa expressão apresenta duas possíveis interpretações. Uma corresponde a uma leitura mais composicional (trata-se de uma situação em que um falante relata que uma mulher deixou um gato do lado de fora da bolsa e depois saiu), outra a um idiomatismo, que, como sabemos, apresenta redução em composicionalidade (nesse caso, *to let the cat out of the bag* significa ‘revelar um segredo’). A seleção de uma dessas duas leituras depende de outras informações disponíveis no contexto discursivo. Em outras palavras, a interpretação do

³*Historical American English.*

significado mais provável (composicional versus não-composicional) está associada ao uso real da expressão linguística num contexto específico, isto é, como um *token* do uso linguístico. Mas, em ambos os casos – se o ouvinte interpreta a expressão como sendo composicional ou não, no contexto –, o fato de tanto a expressão idiomática quanto a não-idiomática poderem ser coordenadas a outra oração (“e saiu”) é uma propriedade associada ao fato de que *let the cat out of the bag* é um sintagma verbal, independentemente de seu significado. Em outras palavras, tanto a estrutura idiomática quanto a não-idiomática herdam a capacidade de se coordenarem a outro sintagma verbal, uma vez que ambas constituem um SV, e isso não tem a ver com um contexto de uso específico.

Soletras: *O conceito de domínio funcional (GIVON) pode ser compatível com uma abordagem construcional da gramática? Como?*

Eu tomo a noção de domínio funcional como a maneira pela qual os falantes usam formas específicas para expressar funções procedurais. Nesse sentido, isso é muito compatível com várias linhas da Gramática de Construções que são essencialmente orientadas para a função. Frequentemente, os domínios funcionais são especialmente relevantes para pesquisas em tipologia e, portanto, estão relacionados às propriedades das línguas. Um exemplo muito claro de tal posicionamento vem de Miestamo (2007, p. 293), que escreve: “O termo domínio funcional alude a Givón (1981) e pode ser caracterizado como qualquer domínio de funções relacionadas (semânticas ou pragmáticas), que a(s) língua(s) codifica(m) por intermédio dos meios formais que possui (em)”. Algumas versões da Gramática de Construções assumem um foco tipológico particular (por exemplo, CROFT, 2001), enquanto outras estão mais preocupadas com as propriedades psicolinguísticas da linguagem, uma vez que são usadas por falantes individuais (por exemplo, GOLDBERG, 1995, 2006). Isso me parece importante porque coloca em foco o lugar do falante principal nas discussões sobre a língua. Para mim, as línguas não codificam nada; apenas os falantes o fazem. Isso pode parecer uma observação trivial, e estou ciente de que o termo língua é frequentemente empregado metonimicamente para se referir aos ‘falantes da língua’, mas eu considero essa observação importante, pois as mudanças da língua começam por meio das inovações dos falantes.

Dito isso, acredito que o Funcionalismo e todas as variantes baseadas na utilização da Gramática de Construções compartilham a visão comum de que grande parte da estrutura

sintática é emergente sobre instâncias do uso da língua; em outras palavras, a sintaxe evoluiu porque ela ajuda na comunicação.

Soletras: *Quais são as semelhanças e diferenças entre os conceitos de função (CRYSTAL, 1988, NICHOLS, 1984) e significado (CROFT, 2001)?*

Entendo que, para Nichols (1984), o foco está em quais propriedades distinguem as abordagens funcional, formal e estruturalista no estudo da linguagem. As abordagens funcionalistas estão preocupadas, entre outras coisas, com o processamento da linguagem, cognição e estrutura do discurso (cf. CROFT, 2015). Dessa forma, muitos estudos em Linguística Cognitiva, Psicolinguística e Sociolinguística podem ser vistos como funcionalistas. Esse também é o caso de muitos trabalhos em gramaticalização, que têm sido vistos como funcionalistas. Então, em certo sentido, o Funcionalismo é uma maneira de investigar e descrever a língua.

Mas quando você pergunta qual é a diferença entre função e significado, pode ser que você esteja perguntando sobre os itens linguísticos individuais, ou inclusive os textos. Às vezes, a diferença entre função e significado é bastante clara: em (2), pode-se falar que o SN *o homem* apresenta a função (gramática) de sujeito da oração, mas isso não representa todo o significado admitido por essa expressão.

(2) O homem está andando de bicicleta.

Da mesma forma, um texto como uma receita tem uma função clara (ele foi criado para permitir que alguém prepare comida, normalmente), mas aqui o termo *função* é usado de maneira diferente; seria incomum falar sobre uma receita como tendo um significado. Parte do problema é que os conceitos “significado” e “função” são altamente gerais e, portanto, comparar e contrastar os dois não é uma tarefa fácil.

Soletras: *em termos metodológicos, qual a importância da abordagem quantitativa em pesquisas orientadas sob um viés construcional da gramática?*

Eu acho que esta é uma parte excepcionalmente importante do trabalho em certos domínios da Gramática de Construções. De modo geral, a virada quantitativa na linguística vem ganhando adesão já há algum tempo, e está indo além dos domínios tradicionais, como a Sociolinguística e a Psicolinguística, ao ser empregada em abordagens formais da sintaxe.

Nas abordagens construcionais baseadas no uso, muito tem sido feito em relação à investigação da frequência e seus efeitos na estrutura linguística (cf. Joan Bybee, Martin Hilpert, Stefan Gries e Anatol Stefanowitsch, entre outros). Inclusive, alguns trabalhos recentes em perspectiva diacrônica (por exemplo, PEREK, 2016 e PIJPOPS e VAN DE VELDE, 2016) trouxeram à luz achados muito interessantes em relação à estrutura da rede de construções (como uma construção colide com outra) e à relação entre esquematicidade e produtividade em mudança. Isso tem sido possível por meio de análises em amplos *corpora* de língua natural, combinadas com métodos estatísticos cada vez mais sofisticados.

Soletras: *Com base no princípio da não-sinonímia da forma gramatical (GOLDBERG, 1995), é possível postular a existência da variação construcional? Como essas ideias podem coexistir no modelo?*

Embora eu ache que, muitas vezes, a variação na forma sugere alguma variação no significado, trabalhos recentes em variação e mudança construcional têm problematizado substancialmente a questão do isomorfismo. Os trabalhos de Hendrik De Smet (por exemplo, DE SMET, 2010), Lauren Fonteyn (por exemplo, FONTEYN, 2016) e Freek Van de Velde (por exemplo, VAN DE VELDE, 2014) analisaram detalhadamente esses tipos de relação na rede de construções. De fato, uma verdadeira abordagem em rede para a estrutura da linguagem geralmente revela como as palavras e as construções envolvem herança múltipla. Novamente, esse ponto de vista é evidenciado por trabalhos em mudança linguística (cf. VAN DE VELDE, DE SMET e GHESQUIÈRE, 2013) e em psicolinguística (cf. HUDSON, 2007).

Soletras: *Nos estudos da gramaticalização, há uma grande quantidade de literatura sobre mudança linguística e gramaticalidade de itens individuais, tais como marcadores discursivos, operadores argumentativos, conectivos, etc. No contexto da abordagem construcional da gramática, ao considerarmos que esses itens também podem ser interpretados como construções, podemos aplicar os fatores da composicionalidade, esquematicidade e produtividade a esses elementos? Como?*

Eu acho que aqui a noção de rede é importante novamente. Os itens individuais que você mencionou também fazem parte de uma rede de itens relacionados. Ao selecionar um marcador discursivo específico – por exemplo, um marcador intersubjetivo de final de

cláusula, empregado para convidar o ouvinte a confirmar, negar ou contribuir discursivamente de alguma maneira com uma declaração que acabou de ser feita –, os falantes do inglês têm várias opções:

(3) *You're coming, {aren't you/right/yes/no/...}?*

Você está vindo, {não está/certo/sim/não/...}?

Cada uma dessas escolhas individuais tem suas próprias propriedades distintas, tanto formais quanto funcionais, e cada uma delas tem relação com a cláusula que a precede. Minha visão da recente pesquisa na Gramática de Construções Diacrônica é que faremos mais progressos na explicação dos padrões de mudança da língua por meio da compreensão dos nós da rede e dos vínculos existentes entre esses nós.

Em termos dos fatores que você menciona, mais uma vez, precisamos pensar em mudanças no grau de composicionalidade, produtividade e esquematicidade envolvidas. Considere, por exemplo, a forma *innit* como um outro membro do conjunto de marcadores discursivos listados entre parênteses em (3). Essa é uma forma relativamente não padronizada, e o emprego dessa *question tag* é frequentemente estigmatizado em inglês. É menos composicional em relação ao padrão da *question tag* (que, em (3) é *aren't you*), porque ela parece ser empregada como um *chunk* e, para alguns falantes do inglês, pode ser empregada tanto para sujeitos no singular quanto no plural, conforme exemplificamos em (4):

(4) *{It's/you're/she's/...} nice, innit?*

{Isto é/você(s) é(são)/ela é/...} legal, né?

Sua frequência de uso parece estar aumentando ao longo do tempo (PALACIOS MARTÍNEZ, 2015). Além disso, parece também ter generalizado sua função e ter sofrido expansão da classe hospedeira. Assim, embora seja certamente possível falar sobre mudanças individuais, o trabalho recente em Gramática de Construções Diacrônica se concentra muito mais nas mudanças em conjunto e nos múltiplos *links* que os itens geralmente exibem na rede linguística.

Soletras: Em síntese, quais são, em seu ponto de vista, os desafios, fraquezas e projeções futuras do modelo da construcionalização e das mudanças construcionais?

Em 2013, (pelo menos) dois livros sobre o assunto da mudança construcional foram produzidos: um por Martin Hilpert (HILPERT, 2013), e outro meu em co-autoria com Elizabeth Traugott (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). A principal diferença entre os dois, a meu ver, é a seguinte: o livro de Hilpert é quantitativo e trata de questões relevantes ao estudo diacrônico baseado em *corpus* por meio da perspectiva da Gramática de Construções Cognitiva; a contribuição de Traugott e Trousdale é qualitativa, e trata de questões relevantes para a Gramática de Construções Cognitiva a partir de uma perspectiva diacrônica. O desafio é empregar ambas abordagens simultaneamente, de modo a levar a análise quantitativa e qualitativa igualmente a sério. Grande parte desse trabalho tem sido realizado, há um bom tempo, nos centros linguísticos de pesquisa de Leuven, Ghent e Antuérpia, na Bélgica (entre outros lugares). No futuro, espero que haja mais descrições da estrutura linguística numa abordagem em rede, bem como se esclareçam as relações entre a Gramática de Construções e a Gramática das Palavras (Word Grammar), conforme disse previamente. Outra perspectiva interessante é continuar a desenvolver o trabalho da Gramática de Construções Diacrônica em idiomas que são tipologicamente diferentes do inglês: muito – mas nem tudo – do trabalho que tem sido feito até agora na Gramática de Construções Diacrônica tende a se concentrar nas línguas germânicas. É empolgante ver todo o trabalho sobre variação e mudança construcional em português sendo realizado em várias universidades brasileiras!

Últimas palavras do entrevistado

Muito obrigado por suas excelentes perguntas. Elas me deram muito o que pensar, uma vez que as questões abordam uma série de questões interessantes para aquilo que atualmente pensamos acerca da Gramática de Construções Diacrônica. Alguns desses problemas não são novos (como, por exemplo, o estabelecimento de uma relação precisa entre significado e função), mas são todos muito importantes em uma teoria do conhecimento linguístico que enfatiza pares convencionais de forma e significado.

Particularmente convincentes, e igualmente relevantes, são os *insights* que as abordagens quantitativas, muito recentemente, trouxeram para a variação construcional (cf. PEREK, 2016, PIJPOPS E VAN DE VELDE, 2016), que lançaram nova luz sobre questões-

chave, como a relação entre frequência e produtividade, ou a maneira como as construções semelhantes em forma e significado (isto é, “próximas” na rede de construções) podem influenciar umas às outras e como essas coisas nos ajudam a entender os processos de mudança linguística.

Como fica claro na minha resposta à sua última pergunta, uma das mais promissoras estradas na pesquisa em Gramática de Construções Diacrônica é investigar a forma da rede de construções e como ela muda.

Há um problema real em tentar articular precisamente a aparência da rede de construções, dada sua multidimensionalidade, mas, mesmo com essas limitações representacionais, é claro que podemos ter alguns *insights* quanto à relação entre linguística e cognição (cf. HUDSON, 2007), que podem ser adotados para a análise e descrição da natureza da mudança construcional.

A noção de rede linguística é algo que a Gramática de Construções Cognitiva herdou de outros membros da família da “Linguística Cognitiva”, como Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 2008) e Gramática da Palavra (HUDSON, 1990, 2007; GISBORNE, 2010). Nikolas Gisborne, em particular, mostrou em sua pesquisa as maneiras pelas quais a Gramática da Palavra interage com a Linguística Histórica (GISBORNE, 2011) e a Gramática de Construções (GISBORNE, 2008, 2010). Portanto, há um grande potencial para novas direções em pesquisa, que aproximam a Gramática de Construções Cognitiva da Gramática da Palavra.

Referências

- BÖRJARS, Kersti; VINCENT, Nigel; WALKDEB, George. 2015. On constructing a theory of grammatical change. *Transactions of the Philological Society* 113, p. 363–382, 2015.
- CRYSTAL, David. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. New York: Cambridge University Press, 1988.
- CROFT, William. 2001. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- _____. Functional approaches to grammar. In: WRIGHT, James D. (Ed.) *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. 2nd edition, volume 9. Oxford: Elsevier, 470-475, 2015.

DAVIES, Mark. The Corpus of Historical American English (COHA): 400 million words, 1810-2009. Available online at <http://corpus.byu.edu/coha/>, 2010.

DE SMET, Hendrik. Grammatical interference. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme (Eds.) *Gradience, Gradualness and Grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 75-104, 2010.

FONTEYN, Lauren. *Categoriality in language change: the case of the English gerund*. PhD thesis, KU Leuven, 2016.

GISBORNE, Nikolas. Dependencies are constructions: a case study in predicative complementation. In: Graeme Trousdale and Nikolas Gisborne, eds. *Constructional Approaches to English Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 219-255, 2008.

_____. *The Event Structure of Perception Verbs*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

_____. Constructions, Word Grammar and grammaticalization. *Cognitive Linguistics* 21, p. 155-182, 2011.

GIVÓN, T. Typology and functional domains. *Studies in Language* 5, p. 163-193, 1981.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, Martin. *Constructional change in English: developments in allomorphy, word-formation and syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HUDSON, Richard A. *English Word Grammar*. Oxford: Blackwell, 1990.

_____. *Language Networks: The New Word Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*, Vol. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987,

_____. Construction Grammars: Cognitive, radical, and less so. In: Ruiz de Mendoza Ibanez, Francisco J., and M. Sandra Pena Cervel, eds. *Cognitive Linguistics: Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter, 101-159, 2005.

_____. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MIESTAMO, Matti. Symmetric and asymmetric encoding of functional domains, with remarks on typological markedness. In: MIESTAMO, Matti; WÄLCHLI, Bernhard (Eds.) *New Challenges in Typology: Broadening the Horizons and Redefining the Foundations*. Berlin: Mouton De Gruyter, p. 293-314, 2007.

NICHOLS, Johanna. Functional theories of language. *Annual Review of Anthropology* 13: 97-117, 1984.

PALACIOS MARTÍNEZ, Ignacio. Variation, development and pragmatic uses of *innit* in the language of British adults and teenagers. *English Language and Linguistics* 19: 383-405, 2015.

PEREK, Florent. 2016. Using distributional semantics to study syntactic productivity in diachrony: a case study. *Linguistics* 54, p. 149–188, 2016.

PIJPOPS, Dirk; VAN DE VELDE, Freek. Constructional contamination: how does it work and how do we measure it? *Folia Linguistica* 50, p. 543-581, 2016.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN DE VELDE, Freek. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: Ronny Boogaart, Timothy Coleman and Gijsbert Rutten, eds. *Extending the Scope of Construction Grammar*. Berlin: De Gruyter, p. 141-180, 2014.

_____, DE SMET, Hendrik; GHESQUIÈRE, Lobke. On multiple source constructions in language change. *Studies in Language* 37, p. 473-489, 2013.

Interview with Graeme Trousdale

Abstract: Graeme Trousdale is professor of Linguistics and English Language at the School of Philosophy, Psychology and Language Sciences, in The University of Edinburgh. He is Master of Science (University of Edinburgh), Doctor of Philosophy (University of Edinburgh) and Bachelor of Arts (University of Manchester). His main research interests involve the fields of constructionalization and constructional changes, English historical Linguistics and Cognitive Linguistics, especially construction grammar. In this interview the researcher discuss several theoretical questions, as constructionalization and constructional changes in synchronic perspective, schematic levels of a construction, functional domain, function and meaning, methodology, constructional variation, atomic constructions and finally challenges, weaknesses and future prospects of the constructionalization model⁴.

Keywords: Graeme Trousdale. Linguistics. Constructionalization.

Recebido em: 27 de outubro de 2018.

Aceito em: 05 de fevereiro de 2019.

⁴ Agradeço a Tharllles Lopes Gervásio (UERJ) pela redação do *abstract*.